

Só

GRUPO SOBREVENTO

COMENTÁRIOS

“Mais uma vez o Sobrevento ousou e acertou. O novo trabalho da companhia, que tem quase três décadas de existência, é tocante e comovente.”

Edgar Olimpio de Souza - Revista Stravaganza

“A trilha sonora de Arrigo Barnabé e a iluminação de Renato Machado comentam todo o espetáculo e têm papel importantíssimo na ação. Poucas vezes se viu em teatro tamanha harmonia e sincronia entre essas três ferramentas do fazer teatral.”

José Cetra - Blog Palco Paulistano

“O espetáculo carrega a beleza de dar ao espectador a possibilidade de sobrevoo. Muito bom.”

Gustavo Fioratti - Folha de São Paulo

“Mudos, são cinco atores em cenas isoladas, separados por pontos de luz muito bem colocados e dramáticos preenchendo belissimamente o vazio-negro do palco com objetos delicados.”

Marcelo Gimenes Vieira - Tempos de Impulso

“Preciso de muitos silêncios para tantas leituras. Feliz por tudo ter sido dito sem palavras. Por mais que as ame, elas faltariam perante tamanha poética. Estou maravilhada!”

Susana Diniz - espectadora

“Aprendi como o silêncio dos objetos dizem muito, quase gritam memórias. Para mim foi uma aula de poesia.”

Bobby Baq - espectador

“Somos levados a reconhecer a fragilidade e o abandono que existem dentro de nós. ‘Só’ nos faz acreditar que amanhã também pode ser o dia em que algo de novo, dentro de nós, irá florescer.”

André Luis Silva - espectador

“Foi um passo importante na trajetória do Sobrevento, que não queria mais demonstração de virtuosismo com bonecos, não queria limites. A atenção ao detalhe, a perfeição, prossegue em tudo, com o ar reverente e quase litúrgico que caracteriza o Sobrevento, ao menos nos espetáculos que vi.”

Nelson de Sá - Blog Cacilda

“O Grupo Sobrevento se especializou no teatro de bonecos e de manipulação de objetos, conseguindo uma notável sofisticação nesse ramo”.

Patricia Espinosa - Ambito Financiero- Argentina



Formado em 1986, o GRUPO SOBREVENTO é um grupo profissional de Teatro que mantém um repertório de espetáculos e que se dedica à pesquisa, teórica e prática, da animação de bonecos, formas e objetos. Desde sua fundação, o Grupo mantém um trabalho estável e ininterrupto e tem-se apresentado em mais de uma centena de cidades de 17 estados brasileiros. O SOBREVENTO esteve, também, no Peru (1988), Chile (1996, 2002, 2009 e 2010), Espanha (1997, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011 e 2014), Colômbia (1998 e 2002), Escócia (2000), Irlanda (2000), Argentina (2001), Angola (2004), Irã (2010), México (2010), Suécia (2011), Estônia (2011) e Inglaterra (2013), representando o Brasil em alguns dos mais importantes Festivais Internacionais de Teatro e de Teatro de Bonecos.

Os espetáculos do Grupo são muito diferentes entre si, quer seja na temática, quer seja na forma, na técnica de animação empregada, no espaço a que se destina ou no público a que se dirige. Têm recebido, constantemente, Prêmios ou indicações para Prêmios da importância do Mambembe (Funarte/Ministério da Cultura), Coca-Cola, Shell, APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Maria Mazzetti (RioArte), sendo sempre apontados pela crítica especializada entre os melhores de suas temporadas. Por duas vezes consecutivas, em 1994 e em 1995, o SOBREVENTO recebeu do Ministério da Cultura o Prêmio Estímulo, pelo conjunto dos seus trabalhos e “pela sua contribuição ao panorama das Artes e da Cultura do país”.

Além das apresentações de seus espetáculos, o SOBREVENTO desenvolve diversas atividades no campo do Teatro de Bonecos e de Animação, como a realização de Cursos, Oficinas, Palestras e Mesas-Redondas, tanto no Brasil como no exterior. Realizou, também, duas Mostras Internacionais de Teatro de Animação no Rio de Janeiro, em 1992 e em 1995, e foi diretor artístico do Primeiro Festival Internacional de Teatro do Rio de Janeiro - Rio Cena Contemporânea, em junho de 1996 e curador do Festival Sesi Bonecos do Mundo, realizado em Brasília (2005), em São Paulo (2006), em Manaus (2007), em Recife (2008) e em Brasília (2009), do Festival Sesi Bonecos do Brasil, realizado em diversas cidades das regiões Sudeste e Sul, entre agosto e setembro de 2006. Também fora dos Festivais que organizou, foi responsável pela vinda e pela circulação pelo país de diversas companhias estrangeiras de Teatro de Bonecos. Atualmente é curador do Festival Internacional de Teatro de Objetos - FITO realizado em diferentes capitais do país, desde 2009. Em 2003, 2004, 2006, 2008, 2012 e 2014, foi apoiado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Em 2010, foi patrocinado, por dois anos, pela Petrobras.

Os últimos espetáculos do Sobrevento foram Mozart Moments (1991), Beckett (1992), O Teatro de Brinquedo (1993), Ubu! (1996), Cadê o meu Herói? (1998), O Anjo e a Princesa (1999), Brasil para Brasileiro Ver (1999), Submundo (2002), O Cabaré dos Quase-Vivos (2006), O Copo de Leite (2007), Orlando Furioso (2008), Meu Jardim (2010), Bailarina (2010), A Cortina da Babá (2011), São Manuel Bueno, Mártir (2013), Sala de Estar (2013) Eu Tenho uma História (2014) e Só (2015). Dirigido, ainda hoje, por Luiz André Cherubini e Sandra Vargas, seus fundadores, o Grupo Sobrevento é reconhecido, nacional e internacionalmente, como um dos maiores especialistas brasileiros em Teatro de Animação e uma das principais Companhias estáveis de Teatro do Brasil.

Apesar de sua longa carreira, somente em 1º de junho de 2009 abriu a sua primeira sala pública, o seu primeiro espaço. O ESPAÇO SOBREVENTO é o único espaço da cidade de São Paulo dedicado ao Teatro de Animação. Com uma programação sempre gratuita, recebeu vinte e cinco de alguns dos maiores nomes do Teatro de Animação mundial, de diferentes países.

Com trilha sonora de Arrigo Barnabé e figurino de João Pimenta, Sobrevento comemora 30 anos com espetáculo de Teatro de Objetos para adultos

O novo espetáculo do SOBREVENTO, trata, de forma delicada, subjetiva e ao mesmo tempo contundente, da fraqueza, da vulnerabilidade, da insegurança, da fragilidade e dos sonhos de pessoas que estão em busca de algo que não poderão alcançar. Cinco personagens, interpretados por cinco atores, apresentam-se em diferentes situações, não sequenciais, que partem sempre de objetos que, retratados exatamente como os objetos que são, terminam por transformar-se em elementos poéticos e metafóricos. Os cinco personagens, mais que cinco vidas, são cinco caminhos que terminam por encontrar-se, nas suas solidões.

SÓ é fruto de um intercâmbio internacional com duas referências mundiais do Teatro de Objetos: a artista belga Agnés Limbos, diretora da Companhia Gare Central, um dos nomes mais importantes do Teatro de Objetos no mundo, e Antonio Catalano, um dos maiores atores da Itália, artista plástico premiado na Bienal de Veneza e fundador da Casa Degli Alfieri.

A pesquisa partiu de um texto que fala do desconhecimento, do desajuste, da necessidade de se relacionar que parece cada vez mais difícil, em um mundo cada vez mais populoso, cada vez mais conectado e cada vez menos humano. O DESAPARECIDO OU AMERIKA é um romance inacabado de Franz Kafka escrito entre 1912 e 1914. Trata das desventuras de um rapaz alemão expulso de casa pelos pais e enviado aos Estados Unidos depois de ter engravidado uma empregada. Ele se vê envolvido em situações e julgamentos que não lhe dizem respeito, enredado num mecanismo absurdo, movido por culpas e acusações, cujo funcionamento ele não entende e não domina, até que um dia se depara com um cartaz que diz: "O grande teatro de Oklahoma vos chama! Só hoje, só uma vez! Quem agora perder esta oportunidade perde-a para sempre! Quem quiser ser artista, dirija-se a nós! Todos são bem-vindos!".

No entanto, o SOBREVENTO percebeu que as palavras não poderiam dizer o que tentava dizer. Por isto, não tentou encenar o texto de Kafka, mas fazer dele um disparador do que o moveu a desenvolver a questão da desumanização nas grandes cidades e no mundo moderno. Embora as palavras de Kafka não estejam em cena, a atmosfera de sua obra terminou por impregnar o espetáculo. E para criar esta realidade particular, o SOBREVENTO uniu-se a artistas reconhecidos pelo desejo de criar novos mundos.

O compositor Arrigo Barnabé foi convidado a quebrar o silêncio que os atores se haviam imposto. O figurinista João Pimenta, colaborador do SOBREVENTO desde 2013, criou figurinos impactantes. Mais que cobrir as personagens, propôs revelá-las por meio de elementos que utilizou na confecção das roupas. Verdadeiro parceiro artístico, construiu peças originais e plasticamente irretocáveis.

SÓ é uma encenação envolvente, com uma atmosfera onírica construída a partir de imagens soltas, que flutuam no ar, efeito obtido graças à distância entre o espectador e a cena e à primorosa iluminação de Renato Machado. Com ela, os detalhes ganharam força. A utilização de uma máquina de neblina e de praticáveis elevatórios faz com que as cenas fiquem recortadas, estabelecendo espaços mágicos. A luz propicia também a troca de cenários, sem o previsível black out, e o efeito de mixagem visual de algumas cenas: com uma cena ainda iluminada, outra começa a se insinuar, transferindo o foco de atenção do espectador e propondo novos significados. Um cenário vai dando lugar a outro e o espaço vai se transformando no decorrer da apresentação, mas cada cena deixa um "rastros": um objeto que fica, suspenso ou abandonado pelo chão, para compor uma instalação final, que pode ser visitada pelo espectador como uma exposição, um museu da solidão.

Com a colaboração de artistas de peso, o SOBREVENTO pôde chegar a um espetáculo maduro, digno para comemorar uma trajetória ininterrupta de 30 anos, dedicado à pesquisa do Teatro de Animação para adultos. SÓ traz um novo olhar para o Teatro de Objetos, pungente, vistoso, impactante e inovador, sem buscar sê-lo.

O TEATRO DE OBJETOS DO SOBREVENTO

SÓ é um espetáculo inovador, um raro representante do moderno Teatro de Animação brasileiro, realizado com um apuro técnico e qualidade artística indefectíveis, abordando um tema muito atual a partir de uma perspectiva moderna e revelando a capacidade do Teatro de Animação de expressar nossas idiossincrasias e o nosso momento. O espetáculo apresenta uma visão contemporânea, dirigida ao público adulto, de uma Arte que é uma das manifestações mais importantes de nossa Cultura, lembrando nossa raízes e revelando o quanto esta planta está crescida e robusta e para onde os seus galhos apontam.

O espetáculo foi criado a partir das possibilidades e limitações do Teatro de Objetos, a vertente mais moderna do Teatro de Animação. A técnica baseia-se no uso de objetos prontos, ready-mades, no lugar de bonecos, deslocando-os da sua função (mas sem transformar a sua natureza), para explorar uma dramaturgia que se vale de metáforas, símbolos e figuras de linguagem, em lugar da manipulação propriamente dita. Mas para o SOBREVENTO, que é um dos maiores especialistas brasileiros nesta linguagem, o Teatro de Objetos é particularmente provocador quando apresenta um repertório pessoal, autobiográfico, íntimo e autoral do ator, que se expõe através dos objetos. O grande potencial do Teatro de Objetos não está nas suas particularidades técnicas, mas, sim, naquilo que é capaz de despertar de mais profundo e revelador daquele artista, por meio de seus objetos. Como disse Christian Carrignon, um dos precursores da linguagem no mundo, "o Teatro de Objetos pertence ao nosso tempo e à nossa sociedade e sua vocação primeira é a de tocar nossa intimidade, de interrogar o enigma que nós somos aos olhos dos outros."

Durante a montagem do espetáculo, o SOBREVENTO deparou-se com um paradoxo: aquilo que o havia atraído por parecer uma possibilidade de ruptura revelou-se também uma armadilha, uma convenção: um teatro feito geralmente por um ator, que ordena objetos sobre uma mesa, para contar uma história, lançando mão de metáforas. Resolveu fazer o que já havia feito em relação ao Teatro de Bonecos: dar um passo além, rumo a um abismo, a um lugar desconhecido, a um teatro sem nome, onde pudesse encontrar a intensidade e a urgência necessárias para falar ao público de hoje. Rompeu com o espaço da mesa e, com isto, provocou uma outra relação do ator com o objeto, fazendo com que o ator deixasse de ser um narrador e passasse a ser um personagem dentro daquele universo ao qual o objeto remetia.

O SOBREVENTO tem se debruçado sobre o Teatro de Objetos nos últimos seis anos, utilizando-o em suas mais recentes montagens. Foi responsável por trazer ao Brasil os seus principais representantes. Organizou turnês, festivais, debates, mesas-redondas e oficinas sobre o tema. Deu assessoria técnica em montagens de outras companhias nacionais interessadas nesta pesquisa. Responde pela curadoria do FITO - Festival Internacional de Teatro de Objetos, realizado em várias capitais brasileiras.

O Teatro de Objetos que interessa ao SOBREVENTO e que ele vem pesquisando profundamente é pouquíssimo difundido e conhecido no Brasil e na América Latina. O avanço desta pesquisa tem chamado a atenção de muitos artistas de diferentes áreas, ultrapassando os limites do Teatro de Animação. As oficinas coordenadas ou promovidas pelo SOBREVENTO têm atraído artistas e pesquisadores de algumas das principais companhias e instituições de ensino de todo o país e de países vizinhos. Para todas as atividades, há um número muito maior de inscritos que o número de vagas oferecidas. O SOBREVENTO acredita que esse enorme - e crescente - interesse esteja ligado à abordagem que vem fazendo do Teatro de Objetos e as novas possibilidades expressivas que têm derivado desse processo. Um Teatro de Objetos cuja força não está na manipulação, mas na memória que suscita, que é aquilo a que o objeto remete de mais poético, profundo e simbólico, para o ator e para o espectador. O Teatro de Objetos desafia o ator a ser também dramaturgo. Isso abre um leque enorme de possibilidades dramáticas, que podem renovar o Teatro de Animação para adultos. E o Teatro, de modo geral. É notável o interesse manifestado por núcleos de Teatro por esta linguagem, que têm convidado o SOBREVENTO a ministrar oficinas internas. O resultado é a disseminação do Teatro de Objetos em muitos espetáculos de grupos que não são de Teatro de Bonecos, em São Paulo e em outras cidades brasileiras.

Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

sexta-feira, 14 de agosto de 2015

Um ano se passou. Minha neta, a pequena Laura, já anda e articula suas primeiras frases e é grande a minha curiosidade de como será a sua reação aos espetáculos do *Teatro Para Bebês* que tanto a encantaram quando tinha oito meses. Na ocasião também assisti ao espetáculo *Sala de Estar* e ao escrever sobre esses dois momentos do grupo intitulei a matéria *Tempos de delicadeza no Espaço Sobrevento*.

Pois é, um ano se passou. O Teatro para Bebês está de volta e o grupo apresenta seu novo espetáculo adulto: *SÓ*.

Só é uma reflexão poética sobre a solidão construída dramaturgicamente a partir de improvisações dos atores junto aos objetos que compõem a cena (o programa da peça indica os objetos que cada ator usou para construir a sua cena). O grupo, bastante conhecido pelas suas pesquisas com Teatro de Animação e de Bonecos, volta-se agora para o Teatro de Objetos, radicalizando esta proposta neste belo espetáculo onde os atores desenvolvem as ações sem se expressar verbalmente, mas apenas se relacionando com os objetos que inundam o espaço cênico (malas, sapatos, trem, navio, cadeiras, árvores e muito mais).

Estar só ou ser só? Em vários momentos a questão é posta para o espectador, de forma subjetiva, mas muito eficiente. Uma cena síntese da peça surge logo no início quando uma mulher que carrega - literalmente - as dores do mundo nas costas (uma igreja cheia de penduricalhos) revela que o motivo de sua tristeza é a perda de um ente querido em um naufrágio. A encenação desse naufrágio com o uso de uma camisa azul e de um naviozinho de brinquedo é para mim a maior demonstração da potência cênica do Teatro de Objetos.

A trilha sonora de Arrigo Barnabé e a iluminação de Renato Machado comentam todo o espetáculo e têm papel importantíssimo na ação. Poucas vezes se viu em teatro tamanha harmonia e sincronia entre essas três ferramentas do fazer teatral.

Assim como os atores, os objetos entram e saem de cena, mas após a cena final onde parece haver um encontro dos solitários debaixo de uma árvore, a iluminação pontua todos os objetos usados durante o espetáculo. O público abandona o espaço circulando pelos objetos e encantado com tanta beleza.

Só é mais um belo e sensível trabalho do Grupo Sobrevento tratando da condição humana. Numa época em que o celular parece ser o único objeto importante para o cidadão é importante lembrar que há muitos outros objetos e, principalmente, seres humanos à nossa volta. Parabéns ao Luiz André Cherubini, à Sandra Vargas (diretores) e a todo o elenco do espetáculo.

SÓ está em cartaz no Espaço Sobrevento aos sábados às 18h e 20h e aos domingos às 18h até 20/09.

O Espaço Sobrevento fica na Rua Cel. Albino Bairão, 42 a algumas quadras do metrô Bresser-Moóca. Os ingressos são gratuitos e estão disponíveis meia hora antes nas bilheterias. TeL: 3399-3589.

José Cetra é Mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Membro da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Espectador assíduo de teatro e cinema.

Teatro: Só

16 Agosto 2015 14:41

por Edgar Olimpio de Souza

Mais uma vez o Sobrevento ousou e acertou. O novo trabalho da companhia, que tem quase três décadas de existência, é tocante e comovente. Vale-se de objetos que ganham vida, e se relacionam com atores, para falar de uma época marcada pela exaltação do individualismo. Os personagens da peça são seres solitários, transitam no vácuo, meio que sem rumo. Por vezes encontram-se confinados em espaços exíguos, como uma casa de papelão ou uma oficina de alfaiataria. Estão submetidos a ações árduas e fatigantes, como caminhar pisando apenas em pares de sapatos enfileirados ou carregar uma trouxa de malas, saltando de cadeira em cadeira, até perceber que todo o esforço resultou em nada. Há um esgotamento implícito em seus movimentos, de se tentar conseguir alguma coisa que não se sabe bem o que seja. Eles



se revelam desesperados para sair do lugar, ora tentando alcançar um trem que passa ora pedindo carona para veículos que nunca param. Alguns só têm como companheiros um pássaro na gaiola ou um peixe no aquário. Outros desejam regressar a um ponto que perderam e, lá estando, continuam a sina solitária. Ou seja, as situações escancaram níveis variados de conflitos pessoais, desajustes em relação ao entorno, uma sensação terrível de ausência. São tipos perdidos em um cotidiano que aboliu o espaço para o sonho.

Visualmente sugestivas, como se fossem instalações de artes plásticas, as quinze cenas

emaranhadas na montagem assemelham-se a campos de prova e decisão. Seguem a lógica de um espetáculo circense, dotado de números de equilíbrio e contorcionismo que o público acompanha com ansiedade e apreensão. Afinal, as figuras ali reunidas vivem numa espécie de corda bamba, enfrentando o tempo todo estágios que as levam cada vez mais um degrau abaixo. A impressão é a de que se debatem em areia movediça e precisam escapar urgentemente dessa armadilha. Estão procurando algum lugar? Alguém? A própria identidade? Um sentimento de culpa cristã pesa sobre eles. Uma bailarina (Sueli Andrade) rodopia e ameaça se perder em moto contínuo. Uma menina aflita (Liana Yuri) perde o fôlego na tentativa de salvar um peixe. Um homem (Maurício Santana) se esforça para conquistar uma jovem, oferecendo jantar regado a vinho, viagem a Paris e até a possibilidade de formarem uma família com muitos filhos. Uma mulher (Sandra Vargas) quer levar todos os seus pertences numa mala e acaba perdendo a viagem. Um moço (Daniel Viana) exerce atividade tão penosa que, lentamente, se transforma em animal.

Interessante notar como os objetos, que ganham riqueza metafórica, são manipulados com destreza pela trupe, que deixou a função de narrador para assumir a de personagem. Um casaco de pele pendurado num manequim sinaliza a presença feminina. Uma mala é aberta e uma moça some dentro dela. Uma camisa jeans vira mar e traga um barquinho. Puxado por um sujeito, vagão de brinquedo adquire a dimensão de um imenso trem de passageiros. Uma pequena caixa de papelão, forrada de miniaturas como pingüim de geladeira, painéis e outros utensílios, serve para ilustrar o lar claustrofóbico de uma pessoa solitária, cujo corpo assume

desproporcionalmente o espaço. Um alfaiate come borboletas em forma de papeis, como se fosse a derradeira refeição.

Despojadas das palavras, as micro narrativas evoluem de forma quase independentes. Os quadros transpiram variadas camadas de emoção. Podem tanto ser dramáticos como melancólicos, gerar ternura ou soar patéticas. Vistos em conjunto, aludem ao absurdo da existência. Não por acaso, o Sobrevento serviu-se do livro *Amerika* (1957), o romance inacabado de Kafka, para deslanchar seu olhar para o estado atual das relações humanas. Na trama, um rapaz alemão é expulso de casa pelos pais, após engravidar uma empregada doméstica. Enviado aos Estados Unidos, mergulha em uma sociedade que pouco compreende. Só vai encontrar uma fresta de salvação ao se deparar com um circo, quando vislumbra a oportunidade de se tornar um artista.

O que o Sobrevento busca expressar, para impulsionar esse conjunto de metáforas poéticas, é o grande tema da obra kafkiana, o processo de desumanização e coisificação do outro. Não há uma história linear, com começo, meio e fim, mas apenas situações se sucedendo. O tom é meditativo. O público cumpre missão importante. Cabe a ele construir o seu enredo ou tirar suas próprias conclusões a partir da sua projeção e identificação com itens facilmente reconhecíveis, como árvores secas, carrinhos de brinquedo, casas de bonecas, capazes de ativar memórias do passado. Na peça, as imagens mais dizem do que mostram. Como na literatura do escritor tcheco, as situações desembulhadas no espetáculo carregam doses de ironia e dor, com pitadas de sarcasmo. Para dar certo alívio existencial ao desconforto dos personagens, ao aparente beco sem saída, em seu desfecho a montagem abre um naco de esperança. Ou comiseração? Como se tivessem sido expulsos do paraíso prometido, eles se reúnem ao pé de uma árvore, embora continuem solitários.

A encenação conta com trunfos importantes. A música hipnótica de Arrigo Barnabé impregna o ambiente não para sublinhar os momentos. A intenção é claramente oferecer um contraponto, um ruído. Da mesma forma a iluminação sensível de Renato Machado instaura estados emocionais. A peça coloca em evidência indivíduos que habitam um mundo tão moderno quanto hostil e que parecem fadados a viver isolados. O teatro de objetos não é tão prosaico como alguns imaginam. Ele também pode expor a natureza cruel da realidade.

(Edgar Olimpio de Souza – eolimpio@uol.com.br)

(Foto Fi Ramos)

Avaliação: Ótimo

Só

Criação, Concepção e Dramaturgia: Grupo Sobrevento

Direção: Luiz André Cherubini e Sandra Vargas

Estreou: 11 de julho

Elenco: Sandra Vargas, Maurício Santana, Sueli Andrade, Daniel Viana e Liana Yuri

Espaço Sobrevento (Rua Coronel Albino Bairão, 42, Metrô Bresser). Sábado, 18h e 20h; domingo, 18h. Ingressos gratuitos (disponíveis meia hora antes na bilheteria ou pelo email info@sobrevento.com.br). Até 20 de setembro.

CRÍTICA TEATRO/DRAMA

'Só' cria belo jogo de luz e animação de objetos

Sem texto, peça do grupo Sobrevento é baseada em 'O Desaparecido ou Amerika', romance inacabado de Kafka



O ator Daniel Viana manipula cadeira em miniatura na peça 'Só', do grupo Sobrevento

GUSTAVO FIORATTI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Foi bom ter visto o espetáculo "Só", encenado pelo grupo Sobrevento, sem saber qual era a proposta do trabalho.

Só depois li o programa na internet e o material de divulgação enviado pelo grupo. Surpresa: o ponto de partida deste teatro de animação para adultos é "O Desaparecido ou Amerika", romance inacabado que Franz Kafka escreveu, sem nunca ter ido aos EUA, sobre um jovem europeu procurando superar armadilhas em um país estranho.

A temática está ali representada nos figurinos e na reprodução de situações surreais que fazem lembrar "Alice no País das Maravilhas".

Mas a associação com Kafka (ainda que referida como ponto de partida) direciona

o olhar para questões que o espetáculo sublima — a inadequação à engrenagem capitalista, por exemplo. Sem diálogos, a peça parece distanciar-se de Kafka.

A ausência de texto, o jogo entre luz e manipulação de objetos (árvores secas, carrinhos de brinquedos, casas de bonecas), bem como a valorização de composições paisagísticas, parecem se articular mais com a obra do escritor e dramaturgo austríaco Peter Handke, conhecido pela parceria com o diretor Wim Wenders na roteirização do filme "Asas do Desejo" (1987).

Handke é ele próprio um possível herdeiro de Kafka, mas sua trajetória progride para um universo mais silencioso, ainda que todo ele descrito sobre inquietações de almas vagando por percepções existenciais do mundo.

O espetáculo carrega a beleza de dar ao espectador essa possibilidade de sobrevoar.

O ator que anima objetos, em vez de buscar o disfarce (para dar destaque ao material que manipula), torna-se ele próprio parte da cena, em ruído de escala com paisagens compostas de manequins e miniaturas, onde longas estradas são abertas por fachos de luz, bela e simplesmente.

SÓ

QUANDO sáb., às 20h, e dom., às 18h (em agosto e setembro, haverá sessões extras: sáb., às 18h), até 20 de setembro.

ONDE Espaço Sobrevento, r. Coronel Albino Bairão, 42, tel. (11) 3399-3589

QUANTO grátis (meia hora antes na bilheteria; reservas info@sobrevento.com.br)

CLASSIFICAÇÃO 16 anos

COTAÇÃO muito bom ★★

Luz e angústia no palco solitário do Sobrevento

by [Marcelo Gimenes Vieira](#) on [4 de agosto de 2015](#)

Que foi feito de nossas caixinhas de músicas, soldadinhos, carrinhos de puxar com barbante da mãe? Das bonecas da irmã, das casinhas e joguinhos de chá diminutos, do fascínio de ouvir pedrinhas batendo em latas, do nosso jogo de imaginação? Passamos da invenção de um mundo imenso feito de brinquedos diminutos para a **escravidão** dos sapatos bem lustrados de **trabalhar**, ferros de engomar, passatempos de ostentar?

São algumas das perguntas que me vem à cabeça enquanto **assisto a Só** no escuro do **Espaço Sobrevento**, [da companhia de mesmo nome](#), cravado no coração decrepito de **São Paulo**. Em cartaz até 20 de setembro, o espetáculo nos transporta da deliciosa infância ao terrível presente de trabalhador assalariado e alienado, em um belíssimo jogo de luzes e figurinos sem uma palavra sequer.

Usando o texto *O Desaparecido ou Amerika*, de **Franz Kafka**, não como inspiração, mas como espécie de “disparador”, **Só** humaniza e desumaniza ao mesmo tempo. Se somos na infância um imaginar livre em torno dos nossos jogos de crescer, também impomos, depois e sobre nós mesmos, uma prisão solitária de objetos que nos determinam. Somos o carro, somos nossas malas de viagem, somos nossos bichos de estimação e somos nossas roupas. **Somos sozinhos**.

Mudos, são cinco atores em cenas isoladas, separados por pontos de luz muito bem colocados e dramáticos preenchendo belissimamente o vazio-negro do **palco** com objetos delicados. Iluminação que cria peso e drama e coloca caixinhas de música e relógios no lugar de atores, ganhando corpo. Ouve-se a trilha sonora dura de Arrigo Barnabé no silêncio dos figurinos detalhados e interpretações fortes de corpo e expressão.

As **personagens** intercalam cenas não sequenciais que partem e se valem de objetos, disparadores de situações muito maiores: um manequim para a afetividade conjugal ausente, uma pasta para o autoritário mundo do trabalho, um bule para a rotina machista imposta à mulher dona do lar, uma mala desfeita causando a impossibilidade da fuga... O conjunto de pressões que a **vida moderna** usa para nos espremer.

O próprio Sobrevento diz que **Só** é sobre “fraqueza, vulnerabilidade, insegurança, fragilidade e sonhos de pessoas que estão em busca de algo que não poderão alcançar”. Para mim também é retorno à beleza do passado idealizado da infância, resgate da importância e da delicadeza de amar certos objetos... E sobre fugir de certas âncoras.

Mas o silêncio e o escuro estão sempre abertos para o que quiser imaginar e sentir o espectador.

Quem são?

O Sobrevento é um grupo de teatro brasileiro conhecido pelo **Teatro de Objetos**, que propõe o uso de itens prontos para encenação no lugar de bonecos construídos especificamente para a cena. Vivo desde 1986, além das apresentações de espetáculos realiza festivais, eventos e atividades de formação e difusão.



Recebeu indicações e láureas em prêmios como Mambembe (Funarte/Ministério da Cultura), Shell, APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Maria Mazzetti (RioArte), entre outros.

Só tem música de **Arrigo Barnabé**, figurinos de João Pimenta, cenário de André Cortez e iluminação de Renato Machado. Em cena, Sandra Vargas, Maurício Santana, Sueli Andrade, Daniel Viana e Liana Yuri, com direção de Luiz André Cherubini e Sandra Vargas.

Só

Espaço Sobrevento

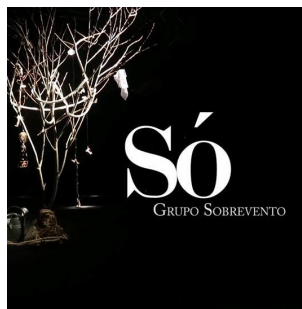
Rua Coronel Albino Bairão, 42 – Metrô Bresser-Mooça – São Paulo/SP

Até 20 de setembro

Sessões aos sábados às 18h00 e 20h00; domingos às 18h00

Ingressos gratuitos (meia hora antes na bilheteria ou reservas pelo e-mail info@sobrevento.com.br)

Telefone: (11) 3399-3589



FICHA TÉCNICA

Criação: Grupo Sobrevento

Direção: Luiz André Cherubini e Sandra Vargas

Dramaturgia: Luiz André Cherubini , Sandra Vargas, Sueli Andrade, J. E. Tico, Liana Yuri, Daniel Viana e Maurício Santana

Interpretação: Sandra Vargas, Sueli Andrade, Liana Yuri, Daniel Viana e Maurício Santana

Colaboração artística: Agnès Limbos (Gare Centrale) e Antonio Catalano (Casa Degli Alfieri)

Composição musical: Arrigo Barnabé

Figurino: João Pimenta

Assistente de figurino: Marcelo Andreotti

Iluminação: Renato Machado

Cenário: Luiz André Cherubini e André Cortez

Produção executiva: Lucia Erceg

Técnico de Luz Marcelo Amaral

Cenotecnia e contra-regragem: Agnaldo Souza

Programação visual: Marcos Correa - Ato Gráfico



CONDIÇÕES TÉCNICAS

- A - Título: SÓ
- B - Público-Alvo: Adulto.
- C - Espaço:
Palcos tradicionais ou salas alternativas. Os espectadores (72 por sessão) são acomodados em arquibancadas laterais e em cadeiras. Dimensões mínimas do espaço: 20m x 10m x 4,5m (altura).
- D - Duração:
Duração do espetáculo: Cerca de 1h20m.
Tempo de montagem: Cerca de 8h
Tempo de desmontagem: Cerca de 4h.
- E - Necessidades Técnicas - Pessoal e Equipamento:
Pessoal de apoio à montagem: 1 electricista e 4 carregadores.
Equipamento de luz: 8 elipsoidais, 14 localights, 2 par #1, 2 par #2, 26 par #5, 2 par #6, 18 PC 1000w, 11 pin beans.
Equipamento de som: A trilha é executada por um notebook levado pelo grupo. São necessárias mesa e 4 caixas de som.
Alimentação: Café e água durante a montagem. Caso haja atraso na montagem, providenciar lanche no próprio teatro.
- F - Transporte de Cenário - Carga, Composição, Dimensão, Peso:
O material pode ser transportado em um caminhão-baú e ocupa um espaço aproximado de 36 m³, pesando, aproximadamente 800 Kg. O elenco pode ser transportado em uma van em trajetos de até 300 km.
- G - Elenco:
5 atores, 1 iluminador, 1 operador de som e 1 contra-regra.
Podem ser acomodados em quartos duplos.
Atores-manipuladores: Sandra Vargas, Sueli Andrade, Liana Yuri, Daniel Viana e Maurício Santana
Técnico de luz: Marcelo Amaral
Operador de som: Luiz André Cherubini
Contra-regra: Agnaldo Souza



ENDEREÇOS

SÃO PAULO

R. Tenente Azevedo, 104/201-A
01528-020 - São Paulo - SP

TELEFONES/FAX

SÃO PAULO

Tel (11) 3272-9684

Tel (11) 3399-3589

INTERNET

Correio Eletrônico

grupo@sobrevento.com.br

SÍTIO

<http://www.sobrevento.com.br>

NÚCLEO ARTÍSTICO

Luiz André Cherubini

Sandra Vargas

Maurício Santana

Anderson Gangla

Agnaldo Souza